

COMPRA



*Semanario illustrado  
de Sciencias, Letras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA  
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA  
Secretario da Redação: BENTO MANTUA  
Administrador: XAVIER DA SILVA

**DIRECTORES**  
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL  
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS  
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
C. do Jogo da Pella, 6, 2.ª  
LISBOA

Officinas d' impressão e composição  
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira  
14 DE OUTUBRO DE 1907

NUMERO AVULSO 20 REIS

Condições d'assignatura  
(Pagamento adiantado)  
SERIE DE 15 NUMEROS  
Lisboa e provincias..... 300 rs.  
Colonias..... 400 »  
Brazil (moeda forte)..... 900 »

OS NOSSOS

C. M. D.

JANUARIO & MOURAO

*Ourivesaria e Joalheria*  
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A  
Compra e vende joias com brilhantes, anti-  
guidades, pratas, barras d'ouro e moedas d'ouro  
e prata.

GRAVURA E FABRICA DE CARIMBOS

Chapas em metal e ferro esmaltado  
para escriptorios, bancos, etc.

Numeradores, datadores, sellos, timbragem, relevo a  
côres, chancellas, lacres, copigraphos, tintas, bilhetes de  
visita e **Anuncia-Sinetes** em aço, ouro e com pedra  
e suas gravuras.

CASA DOS BONS ARTIGOS  
Adelino Lopes Pedroso  
108, R. de S. Julião, 108—LISBOA

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES

QUASI DE GRAÇA  
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS  
33, RUA DA PALMA, 35  
Pedro Carlos Dias de Sousa



EXPOSIÇÃO

DE

LOUÇA DAS CALDAS

Arte decorativa

Artigos para brindes

GATO PRETO

Rua de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)

LUZ KITSON

Petroleo por incandescencia

A mais brilhante, a mais economica

Sem cheiro nem fumo, L. M. LILLY, succes-  
sor. R. dos Retrozeiros, 35, 1.ª-D.

**COSTA JUNIOR**  
Doenças dos Olhos  
R. Nova do Almada, 64, 1.ª—Da 1 ás 5 da tarde

**SALVADOR VILLARINHO PEREIRA**  
Clínica Geral—Partos  
R. de S. Roque, 67, 1.ª—Das 3 ás 5 da tarde  
TELEPHONE 1573

**ALBERTO FERREIRA**  
MEDICO CIRURGIÃO  
Rua Maria Andrade, 10, 2.ª-D.  
Consultas das 10 ás 11

**A. Marques Antunes**  
ALFAYATE  
Fazendas nacionaes e estrangeiras  
Fatos á paizana e á militar  
275, Rua Augusta, 1.ª D.—1.ª casa vindo do Rocio á  
direita.

**CINEMATOGRAFOS**  
Vendem-se e alugam-se machinas, fitas e demais pertenc-  
ças. Para tratar: E. CUSTODIO,  
Rua do Bemfornoso, 110—LISBOA.

**Pharmacia do Instituto**  
*Pasteur de Lisboa*

Productos esterilizados, especialidades na-  
cionaes e estrangeiras, reccituário.

Rua Nova do Almada, 86 a 90  
Em frente ao mesmo instituto



Genio, verdade, poesia...  
Presado leitor, observas  
Dos Telles de Albergaria  
Ao triste Filho das Hervas!

**ADELAIDE CABETTE**

MEDICA

**DOENÇAS UTERINAS**

R. da Prata, 153, 2.º

Consultas às 2 da tarde

**Francisco Gonçalves dos Santos**

TABACARIA E PAPELARIA

Vinhos, licores e cervejas de todas as qualidades, sem augmentos de preços.

Passagem pelos corretores dos camarotes de 1.ª ordem do Theatro do Principe Real

RUA FERNANDES DA FONSECA, 41

LISBOA

**JOAQUIM REGO**

ARMAZEM POPULAR

*N'esta casa ha sempre grande sortimento de fazendas de seda, lã e algodão, setinetas, percales, zephires, pannos crus. Secções de retrozaria, camisaria e luvaria.*

CAPAS PARA SENHORAS

Preços sem competencia

154—RUA DA PALMA—156

LISBOA

**JULIO GOMES FERREIRA & C.ª**

*Fornecedores da Casa Real*

82—RUA DA VICTORIA—88

Exposição permanente

166—RUA DO OURO—170

*Installações completas para agua, gaz e electricidade.*

*Grande sortido de lustres em todos os generos.*

**A CONFIDENCIAL**

Rua da Prata, 153, 2.º

**BARBOSA & C.ª**

Escritorio de commissões e de varios negocios de interesse publico. Empréstimos de dinheiro sobre letras e hypothecas. O fim d'este escritorio é facilitar a economia de tudo que demande tempo, dinheiro e incommodo. Trata-se de todos os assumptos e negocios de que os pretendentes desconheçam quaes os tramites a seguir quando não queiram incommodar-se ou, ainda, quando os seus affazeres lh' o não permittam.

Pedir na séde do escritorio a nota dos serviços que se prestam.

**Atelier de Camisaria e Gravataria**

**ALFREDO MARIANNO G. DOS SANTOS**

67, Rua de S. Roque, 67—LISBOA

↳ *Variado sortimento em ZEPHIRES INGLEZES* ↳

**Especialidade em enxovaes para noivos e collegiaes**

Peitilhos de piquet, linhos e pannos brancos

**PREÇOS SEM COMPETENCIA**

VARIADO SORTIDO EM ARTIGOS DE MALHA

*Encarrega-se de todo o trabalho de roupa branca para homem com a maxima perfeição*

*assim como bordados, concertos em camisas e engommados*

**SEMPRE NOVIDADES EM ARTIGOS ESTRANGEIROS**

IMPORTAÇÃO DIRECTA

**TABELLA DE CAMISAS E COLLARINHOS**

Camisas com peito em pregas de zephir inglez, desde 700 a.....	15000 réis
Camisas com peito em pregas e com punhos de zephir inglez, desde 800 a..	15200 »
Camisas todas de zephir inglez, sem collarinho, com peito em pregas e com punhos, desde 15100 a.....	25000 »
Camisas todas de zephir inglez, com collarinho, com peito em pregas e com punhos, desde 15200 a.....	25000 »
Camisas com peito liso em bretanha de linho, desde 900 a.....	15200 »
Camisas com peito em pregas em bretanha de linho, desde 15000 a.....	15500 »
Camisas para casaca, com peito em piquet, desde 800 a.....	15000 »
Collarinhos em bretanha de linho, voltados para baixo e direitos, desde....	150 »
Collarinhos em bretanha de linho, ida e volta e de pontas, desde.....	160 »
Punhos em bretanha de linho de qualquer feito a.....	250 »

Todos os trabalhos são executados com a maxima perfeição

# Azulejos

SEGUNDA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO DE 1907

I.ª Série — N.º 4

## SUMMARIO

Chá e Torradas, por João Pacifico.  
Notas scientificas : — *Chronica*  
Espiritismo — *A defeza dos judeus*, (Conclusão) pelo  
conego Alves Mendes.  
Gazetilha — *Ferros curtos*, por Lamparina.  
Mascaras illustres (Alfredo Keil).  
A nossa estante  
Prosa e Verso — *O phantasma da Alameda* (conti-  
nuação), por D. Maria M. Gondomar.  
*Um typo de boa linhagem* por Soares Junior.  
*A uma senhora*, por João Maria Ferreira  
*Pensamentos*.  
*Velho mote*, por ARO.  
*Illusões perdidas*, (Continuação,) por Eduardo Sarmento.  
*A soirée do Magriço*, por Jorze.  
*Portugal pittoresco* — Vista do Porto—Ponte D. Luiz  
*Crença intima*, por Sacramento Junior.  
*Epigramma*, por Lamparina.  
*Más linguas*—*Carta* por Miss White.  
**Semana a lapis**  
*Outomno*, por Menezes Ferreira.  
**A nossa pagina musical**  
*Da Geral*—*Theatros e circos*, por Romanol e M.  
*Vida sportiva*—*Uma grande excursão em bicyclette*,  
por J. Costa Braga.  
**Variedades**  
**Cumulos**  
**Posta restante**  
**Qual é a coisa, qual é ella?**—*Secção charadistica.*

### Capa

C. M. L. — caricatura  
Idyllio — Melodia de J. J. d'Almeida.

Aos assignantes da provincia e pessoas que não teem devolvido os numeros enviados, pedimos a fineza de nos remetterem a importancia das assignaturas em VALLE DO CORREIO ou ESTAMPILHAS, afim de não soffrerem interrupção na remessa do AZULEJOS.

A's pessoas a quem enviamos o nosso Semanario pedimos a fineza da devolução, caso não queiram honrar-nos com a sua assignatura.



AGUAS MINERAES  
DA

# Fuente Nueva de Verin

(ESPIDO)

As melhores até hoje conhecidas para combater as doenças da bexiga, fígado, estomago, rins, etc. Já bem conhecidas por muitas pessoas que d'ellas teem feito uso.

*A' venda em muitas pharmaeias e drogarias*

Grandes descontos para revendedores

Deposito geral para Portugal e Colonias

Drogaria de Silverio Ferreira da Costa — 229, Rua da Prata, 231 — LISBOA

NO PORTO — ANTONIO MARIA RIBEIRO — RUA S. MIGUEL, 27-A

## ARMAZENS DO CONDE BARÃO A. DOS SANTOS MARTINS

*Fazendas - Alfayeria - Modas - Confecções - Camisaria  
Gravataria - Retrozeiro - etc.*

— VER E CRER —

Uma enorme Liquidação de Salvados

Completa liquidação de chapéus de chuva, meias, pannos brancos, lenços d'algodão e de seda, etc., etc.

ULTIMAS NOVIDADES — ELEGANCIA E ECONOMIA

*Aos Armazens do Conde Barão*

Dão-se senhas do Nacional Bonus Commercial

25, Largo do Conde Barão, 26 — LISBOA

**COMPRA**

**Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes**

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA  
 Director Científico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA  
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA  
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES  
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL  
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS  
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º  
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição  
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira  
**14 DE OUTUBRO DE 1907**

CONDICÕES D'ASSIGNATURA  
 (Pagamento adiantado)  
 SERIE DE 15 NUMEROS  
 Lisboa e provincias..... 300 rs.  
 Colonias..... 400 »  
 Brazil (morda forte)..... 900 »

NUMERO AVULSO 20 REIS



**CHÁ E TORRADAS**



este jardim á beira mar plantado, ha cousas que me dão muito que scismar e profundamente me desanimam. Desde que me entendo, sempre tenho ouvido dizer que as nacionalidades

não desaparecem enquanto se conserva intacta a sua linguagem escrita e a sua linguagem fallada, mas que é certa a decadencia e o desaparecimento total da autonomia d'um povo, quando começa a alterar-se essa linguagem e por fim se perde.

E para corroborar este conceito citam-me os phenicios, os carthaginezes, os gregos, os latinos, etc., etc.

Nos ultimos tempos tem apparecido entre nós uns philologos e uns grammaticos, mais ou menos gaturras que, sendo aliaz pessoas que eu muito respeito e até admiro pela vastidão do seu saber e profundidade de conhecimentos que a todo o momento estão pondo em evidencia, tem lançado no meu espirito a maior das perturbações.

Foram á orthographia etymologica e zás... começaram a embirrar com as consoantes dobradas, como os *h h* mudos, com os *ph, ph*, com o som de *f*, com os *ç ç* finaes e deram-lhes morte affrontosa nos seus escriptos, alcinhando de ignorantes, e de mais algumas cousas, aquelles que continuassem a usar de similhanças velharias.

Fiquei mais do que atrapalhado, fiquei assarapantado. Eu que toda a minha vida tinha escripto á antiga podia lá passar a escrever á moderna!

Meditei... matutei... e conclui que, se o dictionario da Academia tinha suspendido a publicação na palavra *azurrar* eu tambem tinha o direito de suspender a minha resolução, até que alguém me explicasse se deveria ou não escrever *physisca* ou simplesmente *tisica* e os dois *p p*, os dois *l l*, os dois *r r* e os dois *c c* podiam ser substituidos só por um, o que pelo menos, daria grande economia de tempo e principalmente de tinta.

E esta economia de tinta não é cousa de pouca monta; já se salvou da bancarrota um banqueiro que ao ver-se á beira do abysmo cortou todas as despesas que julgou superfluas, e deu ordens terminantes no seu escriptorio para se poupar a tinta que se gastava ás pipas... perdão, aos hectolitros. E sabem o que fizeram os empregados? A cousa mais simples d'este mundo. Supprimiram os pontos nos *i i* e salvaram o patrão.

Mas eu que não tenho escriptorio, que não sou banqueiro, nem estou á beira de cousa alguma, não me convenço com as razões adduzidas para supprimir as dobradas e continuo como d'antes conservando tambem o *h* porque, por exemplo, um homem que não o tenha, é como um corpo sem alma, e não sou capaz de acostumar-me a ve-lo começando apenas por ó agudo.

Mas de todas estas discussões e controversias resultou, para a orthographia, confusão maior ainda que a da torre de Babel, e o *Diario do Governo* para dar o exemplo adoptou a orthographia chamada **da casa** e enche todos os dias uma grande quantidade de papel com os nomes mais mirabolantes de que ha noticia. Pôz carapuça nos mezes, supprimiu os *ç ç*, de Luiz, feliz, etc., etc., escreve Emidio, sem se importar que o cidadão assigne Emygdio e deu-lhe

agora para impingir aos seus leitores assucar com ç, cedilhado o que faz com que não adoce o café e deixe o chá com um certo travo muito desagradavel.

E nas escolas os pobres rapazitos que se habilitam para o exame de admissão aos lyceus? Ou ficam patetas de todo, ou arriscam-se a ser reprovados se escrevem o dictado em *sónica* sendo o examinador *etymologico*, ou se escrevem á antiga sendo o examinador á moderna.

E os nossos presadissimos collegas da imprensa periodica que tem como principal missão educar e instruir o povo? O que me dizem?

Uns escrevem Thomar com *h*, porque não querem tomar nada, outros lançam-se nos braços da *sónica* e cortam-lhe os *h h* e tudo.

E cá por casa?! Uma verdadeira lastima! Ha *sónicos*, ha *etymologicos* e tambem uma bella mistura de ambos os sistemas, a ponto dos typographos andarem já de olhos esgazeados e perdidos de cabeça.

Mas como todos tem o cuidado de lhe pôr o nome por baixo, ficamos vingados, e livres de discussões e questiunculas. Já combinámos com o nosso amigo proprietario da typographia para admittir todas as orthographias, pedindo-lhe agora que recomende aos seus operarios que deixem crescer o callo da paciencia.

Quem tem a culpa de tudo isto sei eu muito bem, mas não posso dar-lhe o castigo devido e fico mudo e quedo.

Mas.....

Lá está o conselho superior de instrucção publica e a Academia das sciencias a rir... a rir... a rir até ás lagrimas.

.....

— O' Maria traze-me o chá e as torradas que estão a arrefecer!



## NOTAS CIENTÍFICAS

CHRONICA



Considerou-se durante muito tempo a geologia apenas como uma sciencia de pura observação e não havia modo de a fazer entrar na via experimental. — Vencidas inumeras resistencias, começam hoje os geologos a verificar, por meio d'experiencias de laboratorio, o valôr de certas teorias emitidas a respeito dos mais variados fenômenos. — Foi assim que: obtendo por synthese a piroxênna magnesiana a beneficio do clorêto de silício em vapôr e do magnésio volatilizado em presença do vapôr d'agua, alguma coisa se apurou sôbre o modo de formação da crôsta terrestre inicial, crôsta que parece têr resultado d'uma «Concreção feita bruscamente á custa dos gazes, em consequencia do resfriamento espontaneo.»

— Outras experiencias que por falta d'espaco não podêmos reproduzir, lançam preciosa luz sôbre a constituição das montanhas e das grandes depressões, origens das cavernas, dos deltas, das dunas e d'impressões fosseis.

Comprehende-se bem que precioso auxilio podem prestar esses trabalhos de laboratorio á elaboração das teorias geologicas.

Substituindo na ração diaria do soldado 100 gramas de carne frêscas por 120 gramas d'assucar, reconheceu-se que esta substituição melhorou as condições do homem submetido a um trabalho muscular intenso, augmentando o pêso do corpo e a resistencia fisica e diminuindo o numero d'accidentes que se imputavam ao calor e á fadiga, durante as marchas e as manobras. — Aviso aos gulosos.

A calumnia é, dizem, a mais mortifera de tôdas as armas; mêsmo que não cause a morte, deixa sempre no alvejado um aleijão, uma cicatriz, uma deformidade. — Os homens, d'antes, limitavam-se a caluniar-se reciprocamente, chegou porem um dia em que, dentro do genero humano, já não havia a quem ferir e os venenosos dardos voltaram-se contra os chamados *irracionaes*, (coitadinhos), apesar da sua falta de razão, não caluniam pessoa alguma, esgotada por fim tôda a serie zoologica, os homens começaram a caluniar as plantas.

Começaram pêla salsa: acharam-na curta, rasteira, humilde, á mão de semear e de colher e por isso lembraram-se de espalhar *urbi et orbi* que a pobre salsa, tão bôa, tão sapida e aperitiva, era um venêno terrivel para as galinhas, para os passaros e especialmente para os papagaios.

— Pois bem, está provado que tal affirmacão é absolutamente destituída de

fundamento. Gadeau de Kerville fez ingerir a grande numero de *loiros* fôlhas vêrdes, raizes e sementes de salsa, deulhes a bebêr chá forte d'esta planta e verificou que se não produzia sintôma algum d'envenenamento.

Ficou assim rehabilitada a salsa que pode retomar na familia botanica o seu logar de planta honesta.

E verão que a calumnia não pára nas plantas; qualquer dia caluniam se os ventos, a chuva, a saraiva, a neve e os trovões. — Talvez que a instalação das novas estações meteorologicas japonêsas na Manchuria e Costas do Mar amarelô sirvam para verificar a honestidade ou mau comportamento dos meteos.

Não se disse tambem que a descoberta d'um esqueleto de *dinosaurio gigante*, de cem metros de comprido, nos terrens jurassicos do Wyoming (Estados Unidos), era uma refinada mentira? Afinal soube se que era verdade... têr aparecido um esqueleto de *dinosaurio*.

Convençamo-nos que da America nos chêga, de vez em quando, cada onda de noticias esquisitas, que faz crescer em nossos cerebros marês de incredulidade, da mêsmo maneira que o efeito dos ventos faz que o nivel do Baltico seja 6 centimetros superior ao da parte norte do Kathegat. — E, quando mais extraordinarias, mais depressa se propagam taes noticias; dir-se-hia que vem rebocados pela potente locomotiva de 200 cavalos de força, que ultimamente entre Munick e Augsburg fez 154 e meio kilometros á hora.

Entontee a gente ao lembrar-se do que será tal velocidade, entontee como se tivesse bebido o *bili*, essa bebida alcoolica que se obtem pela maceracão em agua d'um rizôma o *nhimhi* que os prêtos *Baga* bebem em substituição da aguardente da Europa que os brancos lhe negam.

ARIOSTO PALMANDO.

## ESPIRITISMO

### A DEFEZA DOS JUDEUS

Comunicação attribuida ao erudito orador sagrado que em vida se chamou

ALVES MENDES

(Conclusão)

Qual é o modo como se symbolisa a redempção?

E' pelo Christo pregado na cruz, chaquento, cravejado, coroado de espinhos, desnudado, macerado, flagellado, escarrecido.

E porque se symbolisa assim?

Porque se reconhece que assim foi que elle consumou a sua obra. Sem esse acto derradeiro, ficaria incompleta; a redempção não se effectuaria; logo quem consumou aquelle acto necessario, indispensavel, fatal, foi o cooperador do salvador, foi o instrumento indispensavel e fatal para a terminação da sua obra.

Fez o que era preciso que fizesse.

Se a cruz que serviu para infamar um innocente é glorificada e entrou na religião nova como symbolo augusto, porque se hade maldizer eternamente a população que pôz por obra a vontade Suprema?

Os homens na sua cegueira e na sua innocencia eram uma *couisa* como *couisa* era o tôsco madeiro em que o rabbi foi cravado.

Tinham o seu logar marcado na scena final da libertação humana como o haviam tido no decorrer da preciosa vida que se extinguiu, os pastores e os magos que assistiram ao nascimento; as proclamações de Herodes que o perseguiram pela occasião d'elle nascer; os doutores da synagoga com quem Elle discutiu a lei; os leprosos e os endemoninhados dos caminhos que Elle curou; os apóstolos de condição humilde que lhe recolheram e diffundiram a palavra luminosa que havia de irradiar pelas eras cheias de gerações, como o sol pelo espaco marchetado de mundos; as mulheres que o amaram e choraram para transmittirem a essas gerações a docura da sua voz, a emoção da sua palavra, a unecão do seu amor, o calor do seu perdão.

Eram factos e figuras insupríveis no grande quadro, na desccommunal epopêa da vida de Christo.

Nada mais simples do que essa vida.

Um propheta que falla aos rudes em uma linguagem toda feita de amor e de perdão; que lhes aconselha a que sejam bons e a que desprezem o goso immoderado dos bens terrenos se querem ser com Elle na casa de seu pae; que persuade e vence pelo carinho, que só com a suavidade da sua palavra, a santidade do seu exemplo, a promessa de uma vida futura faz tremer os phariseus, os escribes da lei, os centuriões da Roma invencivel; que atravessa o mundo sem lar, bebendo a agua das Samaritanas, comendo as viandas dos publicanos, fazendo-se adorar pelas creanças e pelas mulheres; que se deixa atraioçar, prender, flagellar, escarrecer, esbofetear e crucificar entre ladrões, sem um protesto, sem uma indignação, tendo só nos labios palavras de supplica em favor d'aquelles que, cegamente, o condemnavam e martyrisavam, é bem um ente sobrenatural destinado a que na simplicidade da sua vida nada houvesse de simples que o confundisse com nenhum outro homem vindo ao mundo até então, ou a vir depois da sua morte.

Na angustiosa agonia do seu corpo carnal bem comprehendia que aquelles que lhe dilaceravam os tecidos, que lhe amarguravam os derradeiros instantes da vida terrena eram irresponsaveis pelo que faziam.

«Perdoai-lhes, Pae, que não sabem o que fazem!»

E não sabiam, não! Não sabiam que estavam consummando o ultimo acto da redempção humana; que o sangue que faziam gottejar das feridas do Justo vinha lavar as máculas da humanidade; que os ultimos clarões dos olhos moribundos de Jesus ficavam illuminando o

mundo; e que os suspiros estrangulados pelo estertor eram o hymno clamoroso de uma nova epoca que ia surgir, para a liberdade, para o amor e para o progresso!

Não sabiam, não! Não sabiam que sem a sua ferocidade inconsciente, sem o seu despreso pela justiça, sem a sua intriga, sem a sua traição, sem os seus excessos de crueldade, Christo não podia deixar a terra, as profecias não se cumpririam, Elle não seria o Messias desejado, a sua doutrina não avassalaria o mundo, não illuminaria as consciências, não aperfeiçoaria a alma, não amaciaria duresas, não desarmaria ferocidades, não nivelaria raças, não igualaria os homens, não elevaria a mulher, não exalçaria os humildes, não perdoaria aos peccadores, não consolaria os que soffressem, não ampararia os fracos, não encorajaria os tímidos, não abria, emfim, de par em par, as portas da perfeição espiritual para a grande vida universal aquelles que, de boa fé e de boa vontade, o amassem e seguissem.

Não sabiam, não? Não sabiam que sem os golpes dos seus açoites, a cravagem dos seus prégos, as feridas das suas lanças, a ironia das suas inscripções, as blasphemias dos seus insultos, a injuria da sua canna, o travôr do seu fel, a acidez do seu vinagre, os espinhos da miseranda corôa com que ornamentaram a mais pura frente da raça humana, a missão do Filho de Deus não se teria completado, os apóstolos não teriam prégado ao mundo a doutrina pura; o homem não o creeria um Deus, o seu nome não representaria a salvação e a sua obra estaria perdida, sepulta nos escombros de Jerusalem ou nos terrenos áridos, queimados da Palestina.

A sua obra completou a obra do Salvador. «*Consummatum est*». Estava tudo feito.

A vós todos, judeus infamados, corações empedernidos, espiritos obsecados, eu vos bemdigo, porque fizestes com que eu, dois mil annos após a vossa crueldade, amasse e servisse ao Mestre, ao Justo, ao Filho amado do Pae de nós todos; porque com o vosso acto brutal, fero, inconcebível legastes á eternidade, á vida universal a pagina mais grandiosa, mais divina de todas que na grande historia da Humanidade podem existir.

Eu vos bemdigo, raça execrada, povo escolhido de Deus, patria do meu Jesus, fóco irradiante da luz mais esplendorosa que tem illuminado o mundo, o cerebro e o espirito!

Eu vos bemdigo!

## GAZETILHA

### Ferros curtos

Andar em carreira urgente,  
A suar, tombado, aos stalos  
Chama-lhe um *Raid* esta gente!  
Chamavam-lhe antigamente:  
*Andar a mata cavallos.*

LAMPARINA.

## Mascaras illustres



Alfredo Keil

### A Nossa Estante

#### O Gladiadôr

poémato original de Oscar Pratt.

Quem leu a pagina de Petronio producto da imaginação fecunda d'esse grande espirito e delicioso poeta que se chama Luiz de Freitas e Costa, quasi desconhecido da geração litteraria contemporanea a beneficio da modestia que corre a par do seu enorme talento, conhece tudo que, de mais bello e precioso, se tem escrito em verso a respeito da disoluta epoca do imperio romano.

Não sabêmos se Oscar Pratt conhecia o poemato de Freitas e Costa, mas, ao lêr as bellas paginas do seu *Gladiador*, a idéa não fulgurou na mente, de que que, pelo menos, n'elle se inspirára e, se o fez, mal lhe não fica a acção, porquanto, seguir o exemplo e trilho dos mestres é motivo de applauso aos que, carregados de talento e boa vontade como Oscar Pratt, se dispõem a subir as agrestes encostas do Parnaso.

A obra *O Gladiadôr* é um trabalho de boa fé, onde o auctor poz toda a generosidade da sua bella alma de poeta. E' perfeita? Está isenta d'erros, de incorrecções? De certo que não, mas, se assim não fôsse, Oscar Pratt seria hoje um dos primeiros poetas da sua terra.

Aconselhamol'o, por exemplo, que não abuse de rimas repetidas, em versos proximos, assim: na sexta quadra do primeiro canto encontramos *Numéa, Poppéa*, está muito bem, mas logo na quadra seguinte deparamos com *Idéa, Actéa* o que torna o poéma monotono.

Na segunda quadra do mesmo canto lê-se *exangue, sangue*, rimas que não são de grande riqueza, mas emfim, passe: o que não nos parece bem é a repetição das mesmas rimas na antepenultima quadra do poemato.

Tambem nos não agrada o final do trabalho do poeta; afigura-se-nos precipitado e o leitor não comprehende bem quem era o luctador que vem no fim cortar a cabeça da escrava e por ordem de quem vem. Esta maneira de terminar o

poémato lembra-nos uma dona de casa que sirva a seus convidados chá de primeira qualidade, com as fôlhas mal abertas.

Aparte estes e outros pequenos senões que o talentoso auctor de certo corrigirá em futuros trabalhos, parece-nos que o «*Gladiador*» é uma bella obra.

*Almanach das senhoras*—Recebemos e agradecemos este magnifico almanach, que durante 38 annos tem sabido interessar progressivamente o publico pela beleza das illustrações e esplendido texto. E' um livro que toda a gente deve ter na sua estante e que sem restricções recomendamos.

*Versos d'um contemporaneo* por Laza-meta, prefacio de Gomes Leal.

No proximo numero diremos as nossas impressões.



## O phantasma da Alameda

A minha Mãe

Conto de Maria Magdalena de Gondomar

(Continuação)

Alfredo, levantou os olhos para Carlota, que o olhava em extase.

O moço engenheiro surpreendeu este olhar, o que fez com que a gentil camponesa ruborizada e confusa, baixasse os olhos.

O mancebo sorriu e pensou:

—E' realmente interessante esta pequena... e procurou novamente os olhares da encantadora rapariga, mas ella comprehendendo-o, voltou-se para o avô que vinha entrando, trazendo na mão um papel muito amarellecido pelo tempo.

—Eis a carta que conservei como se fosse uma coisa benta, venerando-a como a uma oração; e entregando-a á neta disse:

—Lê alto, minha filha.

Carlota, quiz escusar-se como que envergonhada, mas o bom velhote, insistiu:

—Então Carlota, não te envergonhes, aquelle senhor comprehende que a gente cá das aldeias, não sabe ler como a da cidade, mas elle desculpa.

—Leia Carlota, acudiu Alfredo em tom de meiga supplica.

Carlota, pegou na carta e com a voz um pouco tremula leu:

Meu Luiz.

Lê a tua carta. Como ella me fêz cahir na realidade, despertando-me do delicioso sonho em que vivo, desde que te conheço... Fazes bem, meu adorado filho, em não vires hoje... mas, meu pobre Luiz, a nossa situação é desesperada... não sei como occultar por mais tempo a meu pae o estado em que me encontro!...

O que poderá succeder se elle descobre o nosso segredo... Temo não só por mim, mas tambem por ti, meu pobre amor!...

Tudo contei a Miquelina, a minha dama de companhia, conheces? a pobre senhora ficou desolada... não sabe como valer-nos... tem tentado reanimar-me, com esperanças que comprehendendo ella não tem!... O que havemos de fazer, Luiz? Só teu pae nos podia valer, porem com o caracter inflexivel que elle possui, consentirá acaso que tu venhas a ser meu marido?... Mas,

meu Luiz, elle não será tão cruel que negue o seu consentimento a que dêes o teu nome ao meu, ao nosso filho...

O meu querido velhinho, vae estar em Lisboa quinze dias; se durante a sua ausencia aquelle de quem a nossa ventura depende, nos recusar a felicidade, não sei o que acontecerá... morro ou endoideço.

Se elle resistir aos teus pedidos, serei eu, que irei lançar-me a seus pés, pedindo-lhe em nome do innocentino que trago no seio, que é seu neto, dê a permissão para eu sêr tua á face da sociedade, como o já sou perante Deus. Terá elle um coração tão invulneravel á piedade, que fique insensivel ás lagrimas de uma desgraçada, que bem merece uzar o teu nome?!... Confessa-lhe o nosso erro, meu Luiz adorado... e pede-lhe em nome de tua santa mãe, que te deixe a liberdade de reparar a nossa falta.

Mais quizera dizer-te, mas sinto que me faltam as forças... Espero-te esta noite, depois das 10 horas... a tua presença talvez me tranquillise.

Tua  
Magdalena

Carlota, lêra admiravelmente bem, dando á sua leitura toda a inflexão de sentimento, que n'ella se traduzia.

Ao terminar, brilhavam-lhe nos lindos olhos, duas lagrimas, que de balde procurava esconder.

—Dá-me esta carta, avósinho? Se m'á dêr, guardo-a no meu livro de orações, e será para mim tão sagrada como o tem sido para o meu avô. Faz o que eu lhe peço, avósinho?

—Dou, sim minha filha, mas has de prometter, que cumpres o que acabas de dizer.

—Eu o juro, disse a joven com a maior solemnidade; e levantando-se foi beijar e abraçar o ancião, que commovidamente lhe disse, passando-lhe a enrugada mão pelos ondedos cabellos:

—Deus te faça mais venturosa que o foi a pobre Magdalena.

Depois, mudando de inflexão:

—Mas continuemos, pois tenho pena de aenabar, que se está fazendo tarde.

Alfredo, que de momento a momento, achava mais e novos encantos a Carlota, ficou seduzido com este incidente.

O avô continuava:

—O senhor visconde, ao lêr esta carta, lançou-se sobre o leito possuido do maior desespero e a mau grado seu as lagrimas corriam-lhe pelas faces pallidas.

—Meu pae, será inflexivel, nunca consentirá que eu despoze Magdalena, a filha de um inimigo!.. Mas heide falar-lhe... se preciso for rojar me-hei a seus pés... E pensou ella em lhe vir pedir!.. oh! nunca... sei bem o caracter de meu pae, expulsa-la-hia, como se fosse uma mulher indigna... Não, minha santa, minha linda Magdalena, não quero que sejas injuriada, pois se o fosses, talvez eu esquecesse a quem devo o ser.

(Continua).

## Um typo de boa linhagem

(Authentico)

—Conhece por acaso, amigo, esse sujeito Que perto a nós passou, á pouco, ali adeante Co' aquelle modo airoso, o andar grave, elegante, Que infunde sympathy e impõe todo o respeito?

—De vista apenas só, mas d'honrado conceito Julgo que deve ser, como rico bastante Entendo que será, p'ra que a vida galante Que sei que elle disfructa, e a que tem direito

Como homem d'alta roda, possa sustentar... Não falta n'um theatro ou n'uma reunião, Onde só gente fina apenas pode entrar...

Será capitalista ou é talvez barão?... Está muito enganado; eu vou-o illucidar: E' socio d'uma casa a occultas do patrão!...

SOARES JUNIOR

Do livro *Cosais do nosso burgo* a entrar no prelo.

## A uma Senhora

I

Nunca se esquece o ente venerando que na vida se amou p'la vez primeira, e sempre uma saudade derradeira se arrega em nosso peito triste e brando.

No seu voar constante vae passando o tempo, como a áve feiteiceira que mimosa canção, terna, fagueira, em limpida manhã diz voejando.

Mas o tempo passou e a saudade, triste como o gemer de triste abade, mais viva torna a nossa vida dôr;

e quando, junto a nós, a morte estende a sua aza feral que o espasso fende, do esp'rito se aniquila a rubra flor.

II

Então nesse momento de agonia que a alma despedaça tristemente, tudo em volta de nós é frio, silente, e noute orrivel é o proprio dia.

E a alma lacerada na armouia do espaço imenso, vastidão ingente, onde só dôr cruel, tristeza sente, procura duma outra alma a simpatia.

Simpatia das almas no infinito, num abraço de luz, santo, bendito, fundidas ao clarão de eternos sóes

na casta comunhão, idealisada, da alegria e da dôr, infinda estrada onde saudades gêmem rouxinões.

Bemfica, setembro de 1907

JOÃO MARIA FERREIRA

Do livro a entrar no prelo *Tristezas*.

## Pensamentos

A voz publica é uma nuvemzinha imperceptivel que vae crescendo até transformar-se em trovão.

BEAUMARCHAIS

A mulher é a mais bella metade do mundo.

J. J. ROUSSEAU.

Todos os raciocinios do homem não valem um sentimento de mulher.

VOLTAIRE

A vida é um caminho cheio de lama, a morte uma estrada cheia de pó.

KLÉTUS.

## Velho Mote

Semei cravos azúes  
Em lindos vasos de vidro.

GLOSA

Em cinco de meus paúes  
Florescentes e béllas,  
Entre cravos amarélos,  
Semei cravos azúes:  
Porem uns sete tafies,  
Commmandados p'lo Isidro,  
Com certo acido anhidro  
Regam-m'os cravos, coitados,  
Pobres cravos enterrados.  
Em lindos vasos de vidro.

## ILLUSÕES PERDIDAS

EDUARDO SARMENTO

(Continuação)

Confião de ti, só de ti, percebes, um segredo?—O meu ser aniquilla-se, o coração entristece, quando vejo uma «rapariga—rica ou pobre, que importa—? «uma rapariga que tenha pae e mãe! «Olho-a e talvez se podesses ler, ou se «a outrem houvesse divulgado este segredo, vissem, comprehendessem o meu «soffrer n'elle encontrariam uma saudade infinda! Não fui bafejada pela felicidade não!

«Se ao menos pudesse ir á tua sepultura! Onde é? Qual é?—Ao entrar muitas vezes n'esse logar santo—que é o «cemitario—onde sei te puzeram, sem «que eu te visse, sem que da tua filha «recebesses o ultimo beijo, interrogo: «onde estará minha mãe?

«Onde a sua sepultura? Porem, como «resposta encontro sempre a ignorancia; «o silencio! Nem esta ventura me é dada! «Se eu advinhasse que n'este logar de «respeito, um anjo me podia transportar «ao seu tumulto, verias que de flores te «levava; verias que em breve a tua «campa saudosa, transformar se-hia n'um «jardim, cujo jardineiro seria eu, servindo-me das minhas lagrimas, —lagrimas «de saudade —para a conservação das «mesmas flores!

«Mas impossivel! Oh! Deus, Deus de bondade! .....

Joanninha parecia querer despertar do torpor em que estava immersa.

Tinha os olhos rasos d'agua; soffria muito.

De novo as raparigas decidem-se á conclusão do seu preposito. — Quem as visse, os olhos encovados e a palidez do rosto, affirmaria que alguma cousa de extraordinario se passava n'aquelles corações! E, não se enganavam, não!

O quadro era realmente triste! O que é o coração da mulher traduzindo-nos por uma lagrima a immensidade do sentimento! .....

Ao afastarem-se da janella, onde contemplavam Joanninha, sentiu-se um pequeno ruido n'um dos vidros.

Tinha sido o tocar leve de um anel!

Joanninha ergue se, limpa rapidamente os olhos a um lenço de cambraia de sua recordação, —lenço que havia sido trabalhado durante a sua estada em casa de sua perceptora, até á idade de quatorze annos—e, abandonando esse logar abençoado, foi ao encontro de suas amigas.

Os mesmos pensamentos se cruzaram.—Joanninha disfarçando o seu pesar, a dôr que lhe ia na alma; —o bello rancho evitando, quanto possivel que os seus olhares se encontrassem e que as suas vozes não fossem maguar mais o coração da desventurada!

Disseram-lhe que ali se encontravam para obterem o consentimento de seu pae, levando-a em romaria á festa annual da aldeia.

(Continua).



## A soirée do Magriço

O papá este anno vae levantar brado na visinhança, dizia a lymphatica Marcella.

—De facto, accrescentava Edina, o anniversario do papásinho, vae ser digno das columnas d'um jornal. Já me parece estar lendo: «As gentis filhas do dono da casa foram para com os convidados, d'uma amabilidade captivante»...

Emquanto as duas irmãs, davam ás toilettes os ultimos retoques, phantasiando boccadinhos d'ouro, passados perto dos seus *mais-que-tudo*, o papá Magriço na cosinha, junto d'uma tijella de manteiga, estendia esta por sobre umas torradinhas promptas a ser requentadas á primeira voz...

Seresma, a cara metade, sentada n'um banco, collocava artisticamente em tres pratos, algumas *rodas* de salame, tendo o cuidado de espetar quatro palitos em cada...

Uma velha creada, cujo ordenado, reduzido mensalmente, attingira a méta de mil e quinhentos réis, dispunha sobre uma meza do seculo XIII, adquirida na feira da Ladra, alguns pires com arroz doce e bolos secos...

A toalha era uma reliquia! Gasta pelo *chloreto* da lavadeira, o conjunto dos seus remendos e remendinhos, fazia-a ostentar um ornato, cujo capricho, não seria licito desvendar ao mais habil desenhador...

—Não falta absolutamente nada! é necessario que os nobres convivas, fiquem encantados com esta soirée!...

Magriço tinha razão. Em cincoenta annos d'existencia, era este o primeiro em que festejava o nascimento.

Marcella e Edina, envergando os seus melhores trajos, aromatisados com *Brisas do Mondego*, tinham vindo para junto de seus paes e arregalavam os olhos para a meza, onde se espunham *coisas* a que os estomagos não estavam muito acostumados...

Subito, uma forte campainhada vem surprehende-los e enquanto as *meninas* compõem os *chous* que lhes tapam as covas dos emmagrecidos collos, papá e mamã dirigem-se esbaforidos para o seu quarto, afim de vestirem os fatos de ver a Deus. Manuela, a velha creada, que tem ido abrir a porta, volta breve a prevenir as meninas, que já na sala tomam posições plasticas, de que o carvoeiro só agora tem vindo trazer umas *bolos* encomendadas desde manhã. Nova campainhada e d'esta vez, entram de tropel doze pessoas que Marcella e Edina recebem *comme il faut* e que constituem a

familia d'um professor primario aposentado...

Os esposos Magriços apressam-se a vir ao encontro dos recémvidos e então, com esfuante alegria, todos abraçam os donos da casa, n'uma ancia doida de dar parabens.

Misturam-se os agradecimentos com os cumprimentos, trocam-se impressões várias, e no meio d'uma vozeria d'ensurdecer ouvem-se no piano, algo desafinado, os accordes da primeira walsa.

O sr. *Soiça*, um lindo cadete que adora Marcella, não se faz esperar e com

trecho, homens e mulheres se agitam entre *en arants* e *en arrières* e ao precipitarem-se os pares *au galop*, correndo como doidos por todas as casas, sôa na rua um ruido d'apitos e gritos: ó da guarda!!!...

Todos correm para as janellas transidos de susto e enquanto, inquirim do que se passa, policias, bombeiros e populares transpando a escada do predio, invadem a habitação de Magriço.

O *galope* abalára a casa a ponto do visinho de baixo acordar sobresaltado, com o estroendo produzido pela queda d'um candieiro suspenso no tecto por dourado *camarão*...

D'ahi os apitos, d'ahi a balburdia que se estabeleceu e que apenas cessou quando o pobre Magriço se comprometteu a pagar ao visinho o candieiro que reclamava.

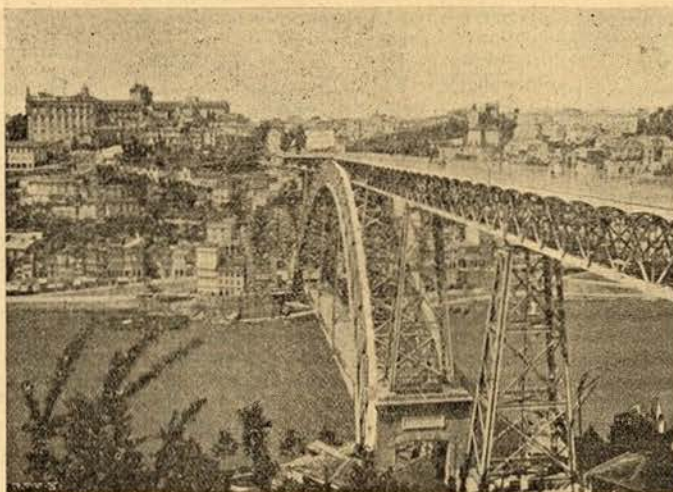
*Ceia volante*, não chegou a realizar-se pois os convidados por entre aquella confusão, tinham ajuizadamente procurado os seus abafos e galgado os degraus da escada a quatro e quatro.

Chegados á rua, ainda lhes parecia mentira!!!

Marcella, tinha realmente previsto o que succedera, quando ao collocar gomma arabica nas *pastinhas* do penteado, dizia para sua irmã:

—O papá este anno vae levantar brado na visinhança...

## Portugal pittoresco



VISTA DO PORTO—PONTE D. LUIZ

Photographia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Humberto Beça

a sua entrada na sala, o enthusiasmo attinge o delirio!

—Um fadinho, sr. *Soiça*, um fadinho! implora Seresma, olhando ternamente para Marcella...

Magriço, toma-lhe o braço e acompanha-o ao piano. *Soiça*, tira da algibeira o primeiro numero do «Azulejos» e canta a primôr aquellos versos do Bento Mantua, com musica do *mano* Alfredo:

.....  
.....

O amor nasce da vista,  
Quem não vê, não pôde amar!

Palmas estridentes, echoam pela sala, e cabe agora a vez a Marcella, para mostrar as suas habilidades.

As atenções desviam-se para ella, que sentada ao piano, começa cantando a walsa da opera Bohemia. Entre o silencio dos assistentes apenas se distingue a voz espevitada de Marcella, que, em notas altas, faz verdadeiros prodigios para não reventar as cordas vocaes...

N'uma animação crescente, multiplicam-se as polkas, walsas e *pas-de-quatre* até que Edina organisa a *quadrilha* que deve preceder a *ceia volante*... A breve

JORZE.

## CRENÇA INTIMA

Não sei que mal te fiz, ó Deus d'infinda graça!  
Tenho soffrido tanto, ó divino Senhor!  
Roubaste-me o meu filho, o meu unico amor...  
A vida é sonho atroz que a morte despedaça.

Tenho fome!... nem pão, nem lar... porem a  
luz que a minha alma accende, alma feita de dôr!  
ainda envolve, ó Deus, teu nome como alvôr  
Doutra viver além, sem pranto e sem desgraça.

Nascer, soffrer a vida, envolta em lama e pês  
é voto teu Senhor, que acceito reverente,  
como outrora ensinou o teu filho Jesus...

O Soberano alado, és bom e omnipotente,  
mas quem dá sombra ao mundo, escondendo-  
lhe a luz,  
não é bem justiceiro... é mais uma serpente."

Maio 905.

SACRAMENTO JUNIOR

## Epigramma

(Junto á estatua de Bocage)

Eis aqui um homem pobre  
N'este bello monumento,  
Que teria sido rico  
Se não tivesse talento.

LAMPARINA

## Más linguas

Recebemos a seguinte amavel carta, que gostosamente publicamos, esperando em que a sua gentil auctora venha mimosear-nos com as suas chronicas: *Galheteiro*, secção que nos vem fazer lembrar o celebre *Galheteiro do Rocio*, monumento que antecedeu o actual.

O que V.ª Ex.ª nos diz, é infelizmente verdadeiro, mal nos fica referil-o, mas não é de admirar n'este paiz de lama, onde os invejosos pullulam e as iniciativas, são acolhidas e incitadas, com raras excepções jornalisticas, da maneira que viu.

Outras vezes, não sabemos porquê, talvez o medo de *sombras*, diz-se mal proposadamente, ou com a pedantesca e crassa ignorancia que nos obriga a fallar do que não sabemos e nos dá um certo ar d'entendidos.

Ainda n'um dia da semana finda ouvimos um birbantissimo, de bigode encebado, cabelleira lanzuda, sementeira pouco hygienica da caspa que lhe cobria os hombros, dizer a uns amigalhãos:

— Vou publicar um jornal. Os que ultimamente tem saído são umas perfeitas bodegas. Morreram já todos. O *Azulejos* já não publica o quarto numero posso dizel-o de certeza.

Podiamos ter-lhe respondido que era parvo e que o nosso jornal continuará, mercê dos obsequios recebidos por parte do publico, da nossa presistencia e do augmento da tiragem, a publicar-se sem interrupção alguma. Não quize-mos.

Sorrimos apenas e bichanámos com os nossos botões: *d'estes é o reino dos ceus!*

E ficaremos vingados quando os amigos hoje lhe chamarem mentiroso e tolo.

Lisboa, 3 d'Outubro de 1907

Sr.

Director do *Azulejos*

Li ha pouco, e por acaso, a sua interessante revista que bastante me surpreendeu; primeiro porque ninguem me falla d'ella e apenas as esquinas, á mistura com os annuncios de pós insecticidas e os rebentos da planta de Tuy, bocejam n'um negro de edital e em typo vulgar a portuguezissima palavra *azulejos*, que por isso mesmo o povo não lê; segundo, porque poudo emfim encontrar alguma coisa que me lembre o cake-walk rompendo no meio de uma valsa lenta, tocada por menina da baixa em mau piano, dando-nos uma ideia de vida, originalidade e revolta contra o nosso rheumatismo peninsular, para o qual representa a verdadeira agua de Vittel aos domicilios!

Sou ingleza e resido ha muito n'esta bella capital, onde me prenderam os encantos que nos offerecem as suas naturaes bellezas e a hospitalidade captivante do seu bom povo.

Um pouco conhecedora da lingua de Camões, poudo lêr nas paginas da sua historia o valor de uma raça que definha hoje á sombra do passado, caçada, gasta e adormecida, como se o opio do Oriente e os cantos das suas glorias a prostrassem n'um sonho em que o mundo acabava alli, na India, e as caravellas, abarrotadas de oiro demandariam novamente a barra . . .

Por isso repito, esta leitura amena de algumas paginas de variado assumpto, deu-me a agradável impressão que em Portugal tambem se fazem coisas com goito e que de vez em quando o monstro se agita como se fosse acordar. A's

vezes, porem, esparguiça-se e . . . volta á mesma.

Tambem rabisco a minha prosa, má mas muito sincera, e por isso mesmo só digo mal porque pouco bem vejo.

Os defeitos apontados emmendam-se e á mistura com bons conselhos, todos gostamos de rir dos alheios sem sequer provarmos a carapuça que julgamos servir apenas no visinho, mas que nos assenta como de encomenda.

Em Portugal, como em toda a parte, o ridiculo abunda como o triste. Uns exploram este ultimo rindo e nós exploraremos o primeiro chorando . . . mas de rir tambem, porque a vida dura pouco, mas muito dura.

Enviar-lhe-hei algumas coisas para o proximo numero e peço-lhe que me dispense uma secção a que chamaremos *Galheteiro* onde encontrarão tempero os palladares mais exquisitos.

Emfim gostei do seu jornal e recomenda-lo-hei ás minhas emigas.

Ponho á vossa disposição a minha humilde collaboração n'essa obra e creia-me sr. director.

MISS WHITE.

## SEMANA A LAPIS



Hoje



Amanhã



Depois



L. Barreira

### Evoluções do collarinho

## Outomno

Mirrado, bilioso, doentio  
Volta de novo o Outomno amarelento:  
Manchas pardas no ceu puido e sombrio,  
Canções funereas já soluça o vento.

Já começa a chover; sente-se frio;  
E chão molhado, e sujo, e lamacento;  
Seccam-se as folhas já, engrossa o rio  
E as andorinhas fogem num momento.

Começam a surgir phenomenaes  
Pneumonias, gripes, catharraes  
Constipações fanhosas, mas estranhas.

E já se vêem velhas constipadas  
Tossindo e resmungando nas calçadas,  
E ás portas da taberna, a assar castanhas.

A chuva cahe miúda e penreirada  
Como o Fialho diz n'um livro seu,  
D'aboboda cinzenta, enodoada,  
Com manchas mais escuras do que o breu.

O vento anavalhando (que massada!)  
Sopra através de nevoa, opaco veu.  
Patinha-se na rua enlameada,  
Maldito seja o dia e mais o ceu.

O frio é tão intenso nos salões  
Que atravessa capotes e gabão  
E estala os ossos todos, que arripio! . . .

Porem aquelle velho arroxeadro,  
Mendigo, aleijadinho, e alquebrado,  
Está sempre alli á esquina do Rocio.

Setembro-27-907.

MENEZES FERREIRA

## A nossa pagina musical

A evidencia do bom acolhimento do nosso semanario fica patenteada na pagina d'este numero.

Nem só os *Novos* acceitaram o convite que aqui lhes fizemos, tambem os Professores de merito ha muito consagrado, nos querem honrar com as suas produções.

O trecho d'hoje, *Idyllio*, é do ex.<sup>mo</sup> sr. Joaquim José d'Almeida, demasiadamente conhecido pelo seu talento, pelas suas soberbas composições musicaes, pelo seu caracter lhano e affavel, attributos que lhe tem conquistado um logar proeminente na sociedade.

Nascido em 1864, cursou no Conservatorio as aulas de rudimentos, rebecca e harmonia. Actualmente director e proprietario do *Archivo Popular de musica generica*, faz tambem parte da Orchestra da Real Camara, como em tempos e durante quinze annos, foi um valioso elemento na orchestra de S. Carlos, onde occupou os logares de 1.<sup>o</sup> violino e 1.<sup>o</sup> violeta, tomando tambem parte nos concertos de Barbieri e Colonne.

Entre as suas produções, na maior parte de musica sacra, contam-se como trechos de subido valor os seguintes:

*Missa e Credo a tenores e baixos, com grande orchestra, dedicada a Pio X;*  
*Te-Deum Laudamus, em honra do Patriarcha de Lisboa, D. José III.*

E' tambem o ex.<sup>mo</sup> sr. Joaquim José d'Almeida o laureado auctor da musica da peça de despedida do curso coimbrão de 1901. *Uma Universidade Celeste.*

Muito lhe agradecemos a sua preciosa offerta, summa honra para nós com pretenções a que a arte musical tenha o logar proeminente que lhe é devido, n'uma epocha em que no Theatro Normal portuguez, com applauso d'um grande numero de Collegas, se suprime um sexteto, com o argumento pueril, ridiculo e . . . comico, de distrair nos intervallos a attenção dos espectadores, que vem fumar para os corredores ou ficam na plateia cavaqueando.

Tudo é uma questão de . . . musica.



## THEATROS E CIRCOS

**Avenida** - "Pra frente" - Revista em 3 actos e 12 quadros de Camano Garcia e A. Pereira da Costa. Musica dos maestros Del-Negro e Calderon.

Antes de entrarmos na apreciação da peça e do seu desempenho nós que tanto temos pugnado em prol dos novos, não podemos deixar de applaudir o procedimento da empresa da Avenida, por ter iniciado a sua época de inverno com um trabalho firmado por dois nomes até agora desconhecidos no meio theatral. Por esse facto, repetimos, é credora de todos os louvores e o que lastimamos profundamente, é que a escolha da peça não tivesse sido das mais acertadas.

A impressão que trouxemos do Avenida, foi má e, vamos procurar dar as razões d'ella.

Primeiro achamos a revista pouco original. Ha mesmo um quadro o do *Posto de desinfectão* que é copia de outro que, subordinado ao mesmo titulo, fazia parte de o *anno passado* revista dos Srs. Machado Correia e Accacio Antunes, representada no Principe Real. Compreendia-se que os auctores do *Pra frente* se soccorressem d'elle, trasladando-o para dar mostras de observação e fina critica, superiores áquellas de que o do *anno passado* estava recheado mas ao contrario a analyse é pouca e a satyra nenhuma. Limita-se á apresentação e apreciação, de productos brasileiros, dando-nos assim a ideia de que os auctores foram incumbidos pelo governo d'aquella Republica de introduzir, por musica, os fructos da sua agricultura e industria, no mercado alfacinha.

Segundo: A peça é descosida, tem principio, mas não tem fim, desattende a chronologia dos factos (cousa esta que dentro dos limites do possível deve ser respeitada) e está cheia de personagens velhas e rellhas taes como, *a moda, os meios de transporte, o marido trahido*, etc, que tanto pertencem á fantasia dos auctores do *Pra frente*, como á dos que, desde Jacobetty até aos nossos dias, tem explorado tal genero de peças. Ainda se lhes perdoava este reviver de figuras se d'ellas se tirasse espirito, mas tal não succede.

Todavia, nem todo o trabalho que os Srs. Garcia e Costa traçaram é mau.

Antes ha dois quadros que são bons e dignos de menção. São elles o da *Feira* e o passado na *Bocca do Inferno*, onde a satyra se faz sentir.

É exactamente por esta prova de engenho que nos insurgimos contra a banalidade e desconnexo dos outros quadros.

Por ultimo cumpre-nos fazer sentir que se nota da parte dos auctores da revista, manifesto receio de desagradar á Imprensa e, por esse facto, as apotheeses aos jornaes succedem-se. Ora, é indiscutível, que a Imprensa deve ser respeitada e defidada, porque ella é a força mais possante de uma nação, a sua alavanca do progresso, mas, não é menos verdade, que tantas e tão repetidas homenagens dentro da mesma obra, é indício seguro de que o auctor não confia na inteira justiça e imparcialidade d'essa Imprensa e pretende, pelo excesso de incontinencia, captiva-la e obrigar-a a applaudir e fazer vanglorias, obras inestheticas e insipidas.

No desempenho distinguem-se: Julia Mendes que dá vida aos seus papeis, e sublinha as coplas; tem, quanto a nós, o primeiro logar n'esta peça, ninguém ainda lh'o disse, talvez porque o seu nome não vem em letras gordas no cartaz. Dolores Rentini, Carmen Cardoso que cantam a primor e ainda Ausenda.

Dos homens temos: Alfredo de Carvalho, que creou um typo e lhe inprime graça, não tirando mais partido, porque o papel não é como devia ser o d'um *commentador mordaz*; Sarmiento que caricaturou muito bem o *brasileiro* houve-se com mestria, sahindo, mercê da sua

feição artistica, a são e salvo e sem exaggeros, de tão medonho *canstrão*. Santos Mello, Leopoldo Froes, Alvaro Cabral e Alves, este ultimo na rubala do *carroceiro*, muito correctos.

A musica e ligeira, como convem a este genero de peças e ouve-se com pouco agrado.

Em scenographia ha quadros pessimos, como o do *Posto de desinfectão*, que lembra uma drogaria, quadros maus e quadros bons como as apotheeses.

Guarda-roupa, vistosos.

Enscenação, soberanamente mal cuidada.

A figuração, ora se estende aos lados sem graciosidade, ora se colloca em massa, e as evoluções que são pouquissimas, não tem sabor nem novidade, antes monotonia e falta de gosto.

Não passa d'uns reles *tour de main, en avant, en arriere* e umas valisitas de baile campestre.

Ha uma cousa que não podemos deixar de inquirir do ensaiaor:

Entrando da esquerda, no quadro passado em frente da *Kermesse de Paris*, a *mulher do tenente coronel reformado*, que está em *scena com o galucho*, e impondo ao marido a ida immediata ao Grandella, como se explica que esta figura sala pela direita ou seja para o lado da Avenida, quando aquelle estabelecimento fica para o lado opposto?

Teria o sr. Grandella mudado o seu estabelecimento da Rua do Ouro para o theatro da Rua dos Condes?...

E lá estivemos na *geral*.

ROMANOL

## Porto

**Theatro Agua d'Ouro** - *Drama do Povo*, *Peça dramatica do fallecido escriptor Pinheiro Chagas*.

Com esta peça, feita ao sabor das plateias populares, encetou a sua época a Companhia dramatica, que, sob a direcção do actor Alves da Silva, trabalha no Agua d'Ouro.

Esta peça que faz viver episodios que tiveram seu inicio com as invasões francezas e vao até á queda do absolutismo, pelo triumpho das ideias liberaes, tem qualidades de factura e scenas de seguro effeito.

Do desempenho, que foi uniforme, destacamos os seguintes artistas:

Adelina Nobre deu á parte de *Joanna* toda a justesa.

Foi muito feliz nas scenas do 1.º acto, imprimindo-lhes toda a ingenua simplicidade que ellas demandavam. Houve-se igualmente com arte no quadro que remata pela morte.

Alves da Silva que encaregou do papel de *Paulo*, fel-o com verdade, mormente nas scenas em que Pinheiro Chagas poz de lado a fantasia.

Bem marcados os papeis de *Villa Garcia* por Joaquim Silva e do *Capitão Inglez* pelo actor Raposo. O mesmo não podemos dizer d'este senhor no papel de *Junot* pois deu, quanto a nós pouco relevo e brilho á figura do general francez.

José d'Almeida, do *Coronel Foy* correcto e disendo muito bem.

Sacramento - sustentou por forma elogiosa a linha nobre do fidalgo *D. Fernando* e preparou com acerto a queda.

Hypolito Costa, pareceu-nos um tudo nada exagerado.

A peça, muito afinada, - provando com isto cuidado e esmero do encenador; está posta em scena com rigor historico sendo a scenographia toda nova mas... dando-nos a impressão de mal pintada.

M.

## Vida Sportiva

### Uma grande excursão em bicycleta

Estava em Anarante, a pittoresca villa em que, d'esta vez, passaria apenas algumas horas, dormindo. Lembrei-me dos momentos agradaveis que tenho tido em passeios n'aquelle rio, que eu nem distinguia no meio da treva, e acudiu-me á memoria o monstroengo que, ao fim da ponte, se exhibe dentro d'um nicho, na fachada da egreja,

figura revoltantemente mal feita, e que, a meu ver, constitue um verdadeiro escarneo religioso.

Esperava-me no dia seguinte a soberba serra do Marão, com os seus trinta kilometros de subida; dei-tei-me, pois, muito cedo, e ás duas horas da madrugada erguia-me para emprender a trabalhosa ascensão.

Pela terceira vez disfructei os variadissimos aspectos que nos fornecem as mil curvas d'aquella surprehendente estrada, lançada sabia e pñantasticamente por sobre a assombrosa desordem geologica que alli se offerece a nossos olhos. Os montes collossaes succedem-se, sobrepoem-se, ora encendendo, ora rasgando n'uma explosão de magica, panoramas de valles adoraveis, d'uma extensão e encanto arrebatadores. Não se descreve, nem se concebe senão visto. O cyclista que desce veloz aquella maravilha, como fiz das outras vezes, tem a sensação nitida de que todas essas montanhas se movem n'uma lucta formidavel e silenciosa, tocando-se e recuando, elevando-se ou descendo, como se estivesse observando um formidavel kaleidoscopio, ou a successão instantanea das pelliculas d'um animatographo, em que scintillassem por vezes, como n'um «rapido» de camera photographica, as aberturas por onde se destacam os valles illuminados e coloridos a contrastar com a rugosidade sombria de serra, n'um amontoado de pachidermes mythologicos.

A minha paixão por tão bello trecho da nossa patria prendeu-me, talvez demais, sobre este ponto, d'onde aparto a imaginação sempre com saudade.

Eu tinha, á sahida da ponte de Lurim, querido acompanhar alguns dos cavalleiros que mettem por um atalho, e pelos quaes, n'essa idéa, eu esperara, mas em breve me convenci da impossibilidade de tal empreza, e, guiado por um camponez que appareceu, de novo tomei a estrada real. A meio da ascensão da serra, em Candomil, appareceu o automovel da «Ilustração Portuguesa» conduzindo os srs. Hogan Teves, redactor, e Josuah Benoliel, collaborador photographico, que por parte d'aquelle semanario acompanhavam o «Raid». Como o sol apertasse já demasiadamente e a segunda metade seja muito mais violenta do que a primeira, lembrei-me de me valer do reboque que a excellente voiturete poderia fornecer-me, e, ao deitar-lhe a mão direita á traquia da carrocerie, julguei-me o homem mais feliz d'este mundo.

Não durou muito tempo aquelle «engano d'alma». Compreendi logo que não podia ir em roda livre, pois o braço não supportava a tracção dos 55 kilos - cyclista, machina bagagem - agrava dos pela ladeira e asperesa de piso. Auxiliei, pois, pedalando como se fosse a 18 ou 20 á hora em caminho plano, mas, ao fim de meia duzia de sacudidelas, resultantes das mudanças de velocidades nas curvas e differenças de inclinação da estrada, deixei-o, bem mais moído do que se tivesse seguido no meu pedalar, ronco, porém methodico. Momentos depois o automovel, passando lá em cima em uma das variantes da serra, lembrava um minusculo brinquedo d'onde acenavam pequeninos pontos brancos - os lenços dos seus tripulantes - aos quaes alegremente correspondi.

Quasi no alto, dentro d'um pardieiro abandonado, outrora refugio dos cantoneiros, mudei de roupa, para evitar um resfriamento na descida que ia seguir-se, e, transpondo a interessante portella, que nos passa á outra vertente, dei por fim começo á descida para Villa Real, quatro leguas feitas n'um relance, de bella paisagem, sim, porém mais banal.

Depois do jantar deixei Villa Real para percorrer a peor estrada que conheço, e que, não obstante muito descer, é um verdadeiro tormento para o cyclista. Apesar da prudencia e do sentido, quatro ou cinco vezes a pobre machina teve de ser abandonada de salto no meio da estrada, valendo-me o seguir bem precavido para não ir com ella ao chão outras tantas vezes. Era noute fechada, não poderia passar além da Regua. Os concorrentes Jara e Reis, este com uma lanterna de acetylenio na sella, disseram-me para avisar os seus impedidos de que seguissem immediatamente para Lamego; encontrando-os eu logo á chegada, e desempenhando-me da commissão, procurei hotel para repousar. Tinha então 537 kilometros percorridos.

Continúa.

J. COSTA BRAGA

# VARIADADES

## Ostras á 21 de Setembro

Prato dedicado aos redactores do semanario  
"Azulejos"

Abertas e postas com a propria agua n'uma cassarola, põe-se as ostras ao lume e, antes que fervam, tirem-se do fogo, aparem-se e arrumem-se em um prato com manteiga lavada no fundo, meio dente d'alho, salsa picada bem miuda, pimenta, uma ou duas colherinhas de vinho branco. Cubram-se em seguida as ostras com um grande pedaço de identica manteiga e pão ralado fino. Põna-se tudo a coser no forno e em estando bem cosido e côrado, sirva-se como *hors-d'oeuvre*.



## Cumulos

Chumbar um dente d'alho.

Fazêr a operação da cataracta a um ôlho de couve.

Comêr uma pêra de luz electrica.

Amarrar um homem com cordas d'agua.

Amputar dois dêdos de conversa

## POSTA RESTANTE

João Maria Ferreira - Está servido.

Soares Junior - Em virtude da grande affluencia d'original e, para contentarmos todos, publicamos só alguns na sua vez respectiva.

Menezes Ferreira - Conte conosco.

Já Gui Dan - As suas quadras não... quadram: são de palmo e terça, pobres, cacophonias e sem succo... Veja se faz melhor e depois mande.

Prevenimos as pessoas que nos teem enviado originaes e aos quaes não temos feito referencias, que, *ipso facto*, estão tacitamente approvados: quem calla consente.

Não tenham pressas, Roma e Pavia... não cabem n'um jornal, ha mais gente que chegou primeiro e que tem direito a... encher primeiro. Fica o aviso feito para os presentes e vindouros.

?

QUAL É A COISA.

QUAL É ELLA?

## Decifradores

Em concurso - Litras (15), Manuel de Sousa (15), E. Carvalho (14).  
Fôra do concurso - H. Saque.

## Decifrações do numero antecedente

Discernimento - Camarão - Cartaxo - Corneto, corneta - Caça, cação - Babadouro - Astrolabio - Capote - Chamalote - Rosario - Manes, manés - Famigerado - Embarque - Embate, combate - Oculo - Quem tem amores não dorme.

## Logogrifos

A historia, que vou contar,  
Escutae, se quereis ouvir,  
Não é caso para rir,  
Muito menos p'ra chorar.

Fui philosopho da Grecia,-3, 4, 8, 12, 10.  
Mas no Occidente nascido,-5, 9, 2, 11, 1.  
Fui por demais conhecido,  
Podem crêr, não é facecia.

Podem crêr, por vida minha,  
No tempo em que eu tinha vida,  
Era uma queixa sentida,-6, 7, 8, 1, 10, 3, 5.  
Era uma flôr que definha.-9, 2, 11, 4, 12, 6, 7.

Hoje, porem, em tormento,  
Passo a vida no outro mundo,  
Succumbi ao mal profundo  
Do fatal definhamento.

J. L. P. F.

## Reduzida

A galhofa - 3 -  
- dô -  
E' mulher - 2 -

J. L.

## Truncada

E' estúpido o ressonar - 2.

## Em phrase

Vão todos em busca do carro - 2 - 1.

AÇNAREPSE.

## Rapido

Animal

1, 2, 3

Espaço

4, 5, 6

Freguezia

A. R.

## Charadas

### Novissimas

Esta ave e este rio tem falta d'agua-2-1.

J. P.

O rosto d'este homem é d'assucar-2-2.

J. L.

Está alegre n'esta terra este proverbio-1-1.

D. K.

### Crescente

O - tem um - na testa.

REI DE SIÃO

### Decrescente

Vi hontem no - que se tinha tornado - o facto de - ter ido pelo - até - matarem.

REI DE SIÃO

## Enygmas

### Typographicos

TAR  
PA

A. B.

AP

M. M.

**BICYCLETAS INGLEZAS**  
**VENDAS A PRISTACIÖES**

**CASA VELO-PORTUGAL**  
 J. de COSTA BRAGA-21 RUA MARIA 23 LISBOA

BICYCLETAS DAS MAIS PROGRESSAS DE MAIOR LUXO POR PREÇOS RASOAVEIS  
 ACCESORIOS E REPARACOES  
 SUCCURSAL DE BRAGA - LISBOA - PRAIA FLORESTA - TAVOYENCO - S. PAVO - OVAR - LISBOA

**A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR**

A bicycleta ingleza, de 1.<sup>a</sup> ordem que, sob a denominação de

**'VELO-PORTUGAL'**

vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de forma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.

Não ha cyclista que o ignore. Ninguem imita artigos sem reputação. O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, tem centenaes d'imitadores.

Quem visitar a Exposição «Velo-Portugal» ficará verdadeiramente surprehendido.

Solicita-se com cordial empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a ver mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa.

Não se constrange ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.

Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubémos guindar o nome do nosso estabelecimento.

Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:

**Bicycletes das mais modestas as de maior luxo por preços rasoaveis.**

Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De resto todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se pôde garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferéncia do publico.

Ha pessoas que, não vendo réclamos espalhafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende de mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabémos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos a isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.

Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por menos, e nada mais.

Todos os nossos esforços convergem exclusivamente para saber dar sempre o melhor que se possa fornecer pelo preço que o freguez paga.

**ARTHUR GOTTSCHALK**

Engenheiro

**PALACIO FOZ-LISBOA**

Teleg: Magneto

Telephone n.º 821

Installações electricas para luz e transmissão de força em cidades, fabricas, theatros, caminhos de ferro etc. etc.

**MACHINAS, APPARELHOS E LAMPADAS PARA ELECTRICIDADE**

Ventoinhas electricas, Cabos aereos para telephonia e telegraphia, Para raios, telephones, campainhas.

As installações electricas feitas nas principaes casas de luxo tanto em Lisboa como nas demais cidades do reino são feitas por esta acreditada casa.

Pedir projectos, orçamentos, plantas e conselhos technicos á casa

**ARTHUR GOTTSCHALK**

**PALACIO FOZ-LISBOA**

**FLORES PARA CHAPEUS**

Coroas, Bouquets, Flores para jarras, etc., etc.

FABRICA DE FLORES ARTIFICIAES

DA  
**CASA DE NOVIDADES**

145, R. do Ouro, 149—LISBOA

Telephone 1210

**SIMÕES BAYÃO**

*Consultorio Dentario*

Doenças da bocca

Dentes artificiaes

Largo de S. Paulo, 19, 1.º

Assistencia dentaria

RUA DA VICTORIA, 60, 1.º

(Rua Augusta, em frente da Casa Africana)

LISBOA

*Elisa Vargas Pedrosa*  
 ATELIER DE VESTIDOS

R. DA PRATA, 185 - 2.º LISBOA

Especialidade em enxovaes para noivas

LINDAS VARIEDADES EM APPLICAÇÕES

Ultimos figurinos de Paris, Londres e Berlim

**Alfredo Rebello**

CIRURGIÃO-DENTISTA

Prothese dentaria

L. do Poço do Borratém, 39, 1.º

LISBOA

**Bebam só a AGUA DA SERRA DO TRIGO**

A Soberana das aguas de mesa

**A MAIS PURA E MAIS BARATA**

Depositos Geraes em Lisboa: R. do Instituto Industrial, 19  
e Drogeria Tavares, R. do Principe defronte do Avenida Palace

**SERRA DO TRIGO**  
A SOBERANA DAS AGUAS DE MESA  
**MINERAL**  
**NATURAL**  
FURNAS-S. MIGUEL  
A MAIS PURA  
E A MAIS BARATA  
LIMPIDA, LEVE,  
DIGESTIVA, BACTERIOLOGI-  
CAMENTE INSUSPEITA E  
**ESTOMACAL**

Vende-se em todos os  
bons estabelecimentos  
HOTELS  
E CASAS DE PASTO

**A MAIS PURA E MAIS BARATA**  
Depositos Geraes em Lisboa: R. do Instituto Industrial, 19  
e Drogeria Tavares, R. do Principe defronte do Avenida Palace

**Bebam só a AGUA DA SERRA DO TRIGO**

**LA BÉCARRE**

Papelaria e Typographia

**F. CARNEIRO & C.<sup>A</sup>**

47, Rua N. do Almada, 49—Lisboa

Trabalhos Typographicos em todos os generos

Papeis Nacionaes e Estrangeiros

Especialidade em artigos de desenho e pintura

CHROMOS E ARTIGOS PARA ESCRITORIO

DEPOSITO DE BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS

**Grandes Armazens do Globo Vermelho**

DE

*José Augusto Ventura*

Especialidade em tecidos lisos e de phantasia em lã e algodão para vestidos. Sedas, Mantilhas, Espartilhos, Sombrinhas, Leques, Lençaria de seda e de lã, Chales, Meias e Piugas em seda e algodão, Malhas, Cobertores e diversos artigos de abafo, em phantasia e liso. Zephiros e Panamás.

Camisas, Ceroulas, Punhos e Collarinhos. Sobretudos, Varinos e Capas á cavallaria.

Secções de Mercador, Alfayateria, Camisaria, Fanqueiro, Modas e Confeccões.

Secção especial de artigos para luto.

Fornecedores da Caixa de Soccorros dos Empregados da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

ALFAYATERIA DO GLOBO VERMELHO

Rua dos Fanqueiros, 209 a 213

LISBOA

**SALÃO BRAZILEIRO**

ALFAYATERIA

**Alberto d'Oliveira & Almeida**

TELEPHONE 1361

Fazendas nacionaes e estrangeiras

O MELHOR SALÃO D'ALFAYATERIA

Preços excepcionaes — Brevidade e excellente acabamento

Direcção technica a cargo d'um habil e conhecido contramestre

Executam-se todas as obras respeitantes a este atelier

RUA AUGUSTA, 270, 1.º

(1.º Quarteirão do lado esquerdo, vindo do Rocio)

Papeis de credito, cambios e loterias

**VIERLING & C.ª LIMITADA**

Endereço telegraphico: STERLING

NUMERO TELEPHONICO 611

41, Rua do Arsenal, 46 — 1, Esquina do Largo do Pelourinho, 3

LISBOA

**BRASSERIE UNIVERSELLE**

DE

*João Manuel Rodrigues*

14, R. de S. Julião (ao cantinho)

ALMOÇOS E LUNCHS

Cosinha esmerada

Cervejas de todas as qualidades

LICORES E VINHOS FINOS

PREÇOS CONVIDATIVOS

*Grillo & Sá*

ARTIGOS DE PHOTOGRAPHIA

55 — Rua Nova do Almada — 57

LISBOA

GRANDE DEPOSITO

DE

MOVEIS DE FERRO

COLCHOARIA

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA



**FILTROS  
CHAMBERLAND  
SYSTEMA  
PASTEUR**

Os unicos para a absoluta purificação das aguas. Approvados por unanimidade pela Academia de Medicina de Paris.

ACADEMIA DAS SCIENCIAS — PREMIO MONTYON — Exposição Universal de Paris, 1900 — 2 grandes premios — Classes III Hygiene Geral, 121 Hygiene Militar.

Os Filtrros Chamberland Systema Pasteur, são os unicos que pela sua composição especial podem ser radicalmente esterilizados. Adoptados nos Hospitais civis e militares, Sanatorios, Lyceus, Institutos, Clubs e casas particulares.

J. L. DE MEYRELLES

Depositario para Portugal e Colonias R. Nova do Almada, 79 — LISBOA  
NOTA — Remettem-se catalogos illustrados

PROPRIEDADE DO "AZULEJOS"

# IDYLLIO

MELODIA

J. J. d'Almeida.

PIANO.

NO PROXIMO NUMERO:  
**TEMPO DE MINUETTE de RUY COELHO**